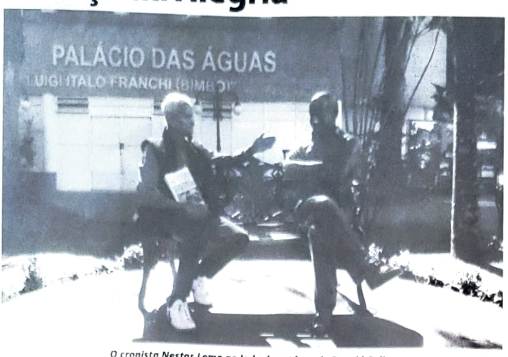
Casos & .Causos

Por Nestor Leme

A Praça da Alegria



O cronista Nestor Leme ao lado da estátua de Ronald Golias, um dos grandes nomes do humor brasileiro | Fotografia de Bettina Beltrami Leme

Em meados dos anos cinquenta, a captação de imagens de televisão em Serra Negra ainda estava em testes. Naquele tempo, só era possível sintonizar um canal, através de uma antena instalada no Morro do Cristo. Não eram muitos os televisores na cidade, mas os que possuíam o aparelho o colocavam onde outros pudessem assistir à programação.

A empresária Antonieta Ricci foi a pioneira. Ela instalou um televisor em uma sala no térreo de sua residência e ali cobrava ingressos para assistirem futebol. Mas logo outros também adquiriram televisores e, assim como Antonieta fizera, também permitiam a entrada do povo.

E os primeiros a fazerem este foram o mecânico Reinaldo Possanholo, o Carlinhos Zelante, o Renato Saragiotto e até na sede do antigo Clube XV, na Praça do Mercado, foi instalado um televisor, lugar que ficava lotado de pessoas para assistirem aos programas daquele tempo.

E foi lá que, na noite da segunda-feira, dia 30 de junho de 1957, assistimos ao lançamento do programa humorístico "A Praça da Alegria", comandado pelo conhecido apresentador Manoel da Nóbrega e que, já no dia do lançamento, caiu no gosto dos telespectadores, pois tinha em seu elenco Walter D'Ávila, Zilda Cardoso, Ronald Golias, Simplício, Consuelo Leandro, Chocolate e outros cômicos, que apareciam na telinha para alegrarem o público com suas piadas.

"A Praça da Alegria" foi lançada na extinta TV Paulista, que virou Globo, depois foi para a TV Record e hoje, com o título de "A Praça é Nossa", ainda resiste no SBT, agora com Carlos Alberto de Nóbrega, filho de Manoel da Nóbrega, na apresentação.

Sei que alguns leitores vão perguntar: mas por que estou rememorando sobre este programa de televisão? É que, em minha opinião, acho existirem Praças da Alegria em todas as cidades interioranas. E a nossa Praça da Alegria não é outra senão a Praça Lourenço Franco de Oliveira. Ali sempre aparecem personagens fazendo história.

Nestes dias de inverno, assim que o sol ilumina a praça, logo aparecem pessoas para se aquecerem do frio ao sol serrano, e eu, por morar por perto, sou um dos primeiros a chegar e ali sou igual ao Manoel da Nóbrega, de tantos os que param para uma prosa comigo.

Certa manhã, passou pela praça o Bragato, da imobiliária. Ele parou, então aproveitei para cobrar sua volta como músico da Banda Lira, onde foi clarinetista por anos. Em seguida, chegou o Marcos Padula, e conversamos sobre histórias engraçadas do nosso futebol. E foi este sair que chegou Wanderlei Lopes, com quem começamos a lembrar daqueles personagens que, há alguns anos, usavam a Praça da Matriz como seu ponto de reunião.

Lembramos do Chóla, do Pantera, do Natalino e do mais famoso de todos, o Babalu, sabidamente o comandante da troupe.

O Wanderlei saiu e, estando só, comecei a lembrar que aqueles personagens eram uns coitados, que não faziam mal a ninguém, a não ser a eles mesmos, e que aos poucos foram partindo, ficando apenas nas lembranças da nossa "Praça da Alegria".

Também lembrei que, um dia daquele tempo, avistei o Babalu surgindo da Rua Visconde e este parecia estar brigando com o imaginário, pois vinha gesticulando, xingando e falando em bater em alguém.

Mas, passando pela porta da Matriz, parece-me que se arrependeu do que estava fazendo. Virou-se em direção à igreja, benzeu-se com o "Nome do Pai", pediu perdão a Deus, a Jesus e a Nossa Senhora pelo que estava fazendo. Feito isto, virou-se para a praça e assim falou:

"Perdoado eu já tou, mas que eu bati nele, a isto eu bati".

E continuou seu caminho para sumir na fumaça da história...

Crônicas do .Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

Quando a vida aperta

No planeta Terra temos muitos povos diferentes e crenças diferentes. Essas crenças, que acabaram depois recebendo o nome de religiões, nasceram principalmente por conta do mistério do desconhecido e como uma forma de integrar as pessoas em um momento em que ainda não havia leis para disciplinar a sociedade. Elas vieram para controlar os impulsos mais grotescos do ser humano, especialmente do homem primitivo. Mas, de onde surgiram as orações?

Sabemos que o desconhecido causa medo no ser humano, e a natureza colabora para que surjam sempre mais delas. Secas, chuvas, calor excessivo, tremores... Hoje entendemos um pouco de meteorologia, e a nós é explicado sobre os efeitos da natureza antes que ocorram chuvas violentas, furacões ou tufões, e os motivos daquela instabilidade. Mas a verdade é que, enquanto uma rajada de vento violenta atinge sua casa e quase levanta o seu telhado, você ora, pede ao seu Deus ou à sua crença que o proteja. Quando a seca queima sua plantação com o sol escaldante, você pede. Quando aquele que você ama está sofrendo de alguma forma, você pede. Quando você mesmo está sofrendo de algum mal, você pede. Além de falar com Deus, eu vejo a oração como uma forma de relaxar, desestressar, meditar, e como uma forma de energia. Tudo é energia, na verdade. Estamos vivos é, por si só, um sopro divino feito de energia.

O medo está presente sempre: temos medo quando estamos em um hospital; antes de uma prova; quando nossos filhos demoram para chegar e não atendem ao telefone; quando o avião enfrenta turbulência; e, quando a vida aperta, a oração surge, seja qual for a forma ou a crença. Há quem ore antes de uma prova, antes de uma audiência, antes de uma competição esportiva, antes de uma viagem. O agricultor olha para o céu e pede chuva. O comerciante pede que o movimento melhore. O pescador pede mar calmo. A mãe pede proteção para o filho. Cada pessoa conversa com Deus ou com a crença que tiver, da forma que mais lhe dá amparo.

Deus deve ter uma agenda bem complicada, pois recebe, ao mesmo tempo, pedidos contrários e não deve saber qual atender. O dono da pousada reza por um feriado ensolarado e movimentado, enquanto o agricultor implora por três dias de chuva. Você vai viajar e pede sol; enquanto o fabricante de guarda-chuvas torce pela chuva. Atender a todos, definitivamente, não deve ser tarefa simples.

Enquanto não sabemos as respostas para o que nos aflige, a oração acalma o coração. E, muitas vezes, isso já é um pequeno milagre. No fundo, somos todos muito parecidos: uns rezam de joelhos, outros em silêncio; alguns olhando para o céu, outros fechando os olhos, ou ainda na forma que escolherem. E mesmo os que nunca rezam, basta a vida apertar um pouco para que acabe gritando apenas um: "Meu Deus!".

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Uma estação chamada memória

Houve uma época, nem tão distante, em que o tempo não corria; ele deslizava sobre trilhos.

Quem caminha hoje pelas ruas (nem tão...) tranquilas de Serra Negra, por vezes se esquece de que o solo sob nossos pés guarda o eco mecânico e poético de velhas locomotivas. O ferro que cortava a paisagem não dividia a terra; ao contrário, costurava distâncias e aproximava destinos, operando como o cordão umbilical de nossa modernidade interiorana. Quando o apito do trem ecoava pelas montanhas, não se anunciava apenas a chegada de mercadorias ou de viajantes forasteiros; anunciava-se a própria vida que vinha se moldar por aqui.

Essa história, afinal, corre também nas minhas veias. Foi sob o sol de Santos que meus bisavós sentiram o primeiro calor da nova pátria, recém-desembarcados da Itália. E foi o mesmo abraço de ferro dos trilhos que os acolheu, trazendo-os da costa santista, subindo a serra, até, finalmente, desembarcarem aqui, nas terras do Circuito das Águas. Cada curva da ferrovia desenhou o destino da minha própria família.

É sob o compasso dessa nostalgia pulsante que agosto nos convida a embarcar em uma jornada diferente! Neste mês, sob o tema nacional "Nosso patrimônio é uma viagem!", promovido pela Jornada do Patrimônio 2026 e pelo SISEP (Sistema Estadual de Patrimônio Cultural de São Paulo), o Museu ReArte transforma-se na plataforma de embarque para uma travessia afetiva. Não se trata de uma mera celebração estática do passado... O *patrimônio, afinal, é matéria viva*. Ele reside na pincelada naïf das artes de Cid Serra Negra, que com sua genialidade lírica levou o Saci para as paredes sacras da Igreja de São Benedito, subvertendo o óbvio e eternizando a nossa iconografia mais pura. Celebrar o Cid, nosso artista maior, cruzando seu olhar com minhas próprias buscas nas artes visuais na Exposição "Trilhos da Memória" (a partir de 08/08), é compreender que a arte local é o vagão mais bonito dessa composição.

A viagem que propomos não se encerra nas telas das pinturas. Ela ganha a "tela grande" das quartas-feiras, sob a curadoria atenta do MIS - Museu da Imagem e do Som/SP, do qual temos orgulho de representar em nossa cidade. No Museu ReArte, o cinema se faz espelho da condição humana. Ver o operário de Charlie Chaplin, em Tempos Modernos, é revisitar o próprio ritmo fabril que as ferrovias inauguraram; emocionar-se com o clássico O Imigrante, é reconhecer a bravura daqueles que, exatamente como os bisavós de muitos de nós, desembarcaram nas antigas estações ferroviárias com as mãos vazias e o peito cheio de sonhos, erguendo a identidade paulista.

E, para provar que a viagem avança rumo ao futuro, a imaginação ganha asas com a animação premiada Garoto Cósmico e com a oficina prática (e gratuita!) que ensina a criar seus próprios mundos, *quadro a quadro, através da técnica Stop Motion (filme feito com a união de foto a foto de cada movimento de bonecos ou objetos)*, feitos com simples celulares!

No encerramento dessa jornada de agosto, o cinema e a música dão as mãos para celebrar a nossa estação final: o clássico e o autoral se fundem quando a consagrada melodia napolitana de Funiculì, Funiculà cruza os mares e se derrama sobre o samba paulistano em "Se Demoro Aqui, Não Chego Lá". Nesta obra autoral, permiti-me brincar com a velocidade do imaginário ferroviário e os compassos de Adoniran Barbosa, pavando que a pressa do trem é a mesmíssima pressa do coração que anseia pelo encontro. E, quando a tela grande se iluminar, no dia 26, com a projeção histórica de Viagem à Lua, de Georges Méliès, compreenderemos, enfim, que as ferrovias de ontem são as naves espaciais de hoje: caminhos perenes que a humanidade inventa para saciar sua eterna fome de infinito!

Para embarcar nesta viagem pelo patrimônio no Museu ReArte (Serra Negra), o bilhete é inteiramente gratuito! Confira os dias e horários de cada um dos nossos "trens das artes", acessando www.rearte.com.br ou simplesmente apontando o celular para o QRCode na ilustração deste artigo. Reserve seu lugar: (11) 9.8294-6468 (Whatsapp), pois a locomotiva da memória já está na plataforma!

"Trem Mogiano" - acrílico sobre tela | Artista: Henrique Vieira Filho

104,5 fm SERRANEGRA

Programação 104,5 FM

00h - 05h - Madrugada 104
05h - 08h - Amanhecer na Serra
08h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 17h - Tarde 104 (Pedro Giovani)
17h - 19h - Pop 104
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 00h - Serra Negra By Night

Ouça ao vivo

MENEGATTI

Serralheria Menegatti Ltda.

Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.

serralheriamenegatti@gmail.com

Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291

Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

apenas um: "Meu Deus!".

Cultura . e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Uma estação chamada memória

Houve uma época, nem tão distante, em que o tempo não corria; ele deslizava sobre trilhos.

Quem caminha hoje pelas ruas (nem tão...) tranquilas de Serra Negra, por vezes se esquece de que o solo sob nossos pés guarda o eco mecânico e poético de velhas locomotivas. O ferro que cortava a paisagem não dividia a terra; ao contrário, costurava distâncias e aproximava destinos, operando como o cordão umbilical de nossa modernidade interiorana. Quando o apito do trem ecoava pelas montanhas, não se anunciava apenas a chegada de mercadorias ou de viajantes forasteiros; anunciava-se a própria vida que vinha se moldar por aqui.

Essa história, afinal, corre também nas minhas veias. Foi sob o sol de Santos que meus bisavós sentiram o primeiro calor da nova pátria, recém-desembarcados da Itália. E foi o mesmo abraço de ferro dos trilhos que os acolheu, trazendo-os da costa santista, subindo a serra, até, finalmente, desembarcarem aqui, nas terras do Circuito das Águas. Cada curva da ferrovia desenhou o destino da minha própria família.

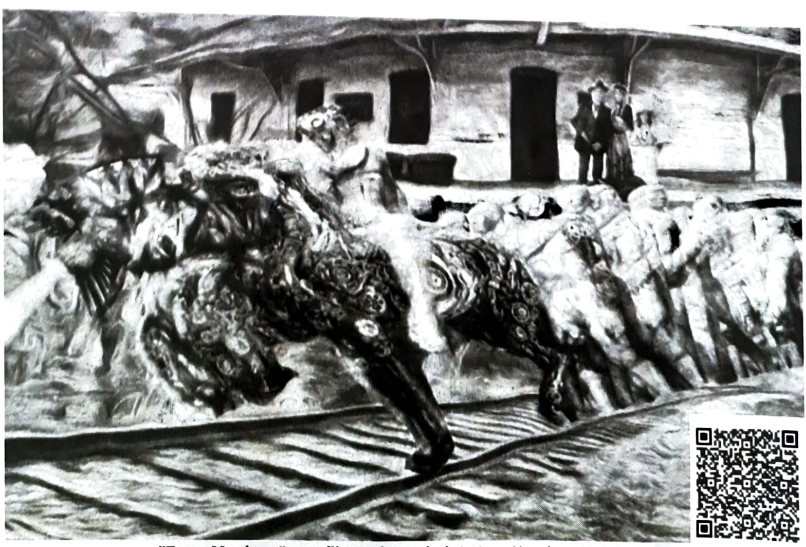
É sob o compasso dessa nostalgia pulsante que agosto nos convida a embarcar em uma jornada diferente! Neste mês, sob o tema nacional "Nosso patrimônio é uma viagem!", promovido pela Jornada do Patrimônio 2026 e pelo SISEP (Sistema Estadual de Patrimônio Cultural de São Paulo), o Museu ReArte transforma-se na plataforma de embarque para uma travessia afetiva. Não se trata de uma mera celebração estática do passado... O patrimônio, afinal, é matéria viva. Ele reside na pincelada naïf das artes de Cid Serra Negra, que com sua genialidade lírica levou o Saci para as paredes sacras da Igreja de São Benedito, subvertendo o óbvio e eternizando a nossa iconografia mais pura. Celebrar o Cid, nosso artista maior, cruzando seu olhar com minhas próprias buscas nas artes visuais na Exposição "Trilhos da Memória" (a partir de 08/08), é compreender que a arte local é o vagão mais bonito dessa composição.

A viagem que propomos não se encerra nas telas das pinturas. Ela ganha a "tela grande" das quartas-feiras, sob a curadoria atenta do MIS - Museu da Imagem e do Som/SP, do qual temos orgulho de representar em nossa cidade. No Museu ReArte, o cinema se faz espelho da condição humana. Ver o operário de Charlie Chaplin, em Tempos Modernos, é revisitar o próprio ritmo fabril que as ferrovias inauguraram; emocionar-se com o clássico O Imigrante, é reconhecer a bravura daqueles que, exatamente como os bisavós de muitos de nós, desembarcaram nas antigas estações ferroviárias com as mãos vazias e o peito cheio de sonhos, erguendo a identidade paulista.

E, para provar que a viagem avança rumo ao futuro, a imaginação ganha asas com a animação premiada Garoto Cósmico e com a oficina prática (e gratuita!) que ensina a criar seus próprios mundos, quadro a quadro, através da técnica Stop Motion (filme feito com a união de foto a foto de cada movimento de bonecos ou objetos), feitos com simples celulares!

No encerramento dessa jornada de agosto, o cinema e a música dão as mãos para celebrar a nossa estação final: o clássico e o autoral se fundem quando a consagrada melodia napolitana de Funiculì, Funiculà cruza os mares e se derrama sobre o samba paulistano em "Se Demoro Aqui, Não Chego Lá". Nesta obra autoral, permiti-me brincar com a velocidade do imaginário ferroviário e os compassos de Adoniran Barbosa, provando que a pressa do trem é a mesmíssima pressa do coração que anseia pelo encontro. E, quando a tela grande se iluminar, no dia 26, com a projeção histórica de Viagem à Lua, de Georges Méliès, compreenderemos, enfim, que as ferrovias de ontem são as naves espaciais de hoje: caminhos perenes que a humanidade inventa para saciar sua eterna fome de infinito!

Para embarcar nesta viagem pelo patrimônio no Museu ReArte (Serra Negra), o bilhete é inteiramente gratuito! Confira os dias e horários de cada um dos nossos "trens das artes", acessando www.rearte.com.br ou simplesmente apontando o celular para o QRCode na ilustração deste artigo. Reserve seu lugar: (11) 9.8294-6468 (Whatsapp), pois a locomotiva da memória já está na plataforma!



"Trem Mogiano" - acrílico sobre tela | *Artista: Henrique Vieira Filho*